

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

2ª SÉRIE

4º BIMESTRE

AUTORIA

ROSA MARIA FERREIRA CORREA

Rio de Janeiro

2013

TEXTO GERADOR I

O Seminário abaixo é uma transcrição da palestra proferida por Antonio Sérgio Alfredo Guimarães do Departamento de Sociologia da USP no **Seminário O Negro no Ensino Superior**

Raça e pobreza no Brasil – a rationale dos estudos de desigualdade racial

Antonio Sérgio Alfredo Guimarães

Departamento de Sociologia da USP

Antes de tudo, quero agradecer ao convite de Eunice Duhran e do NUPES para participar desta mesa. Para mim é uma oportunidade ímpar porque é a primeira vez que eu venho discutir ideias sobre a educação superior do país com um grupo de especialistas. (...)

(...) A primeira conclusão desses estudos é que existe, sim, uma linha de cor no Brasil. Se tomarmos os dados agregados do IBGE de 1972 até qualquer hora, até hoje, existe nitidamente um corte, uma clivagem entre brancos e pardos e não há grandes clivagens, grandes diferenças entre pardos e pretos, de tal modo que é possível você traçar uma linha de cor em termos de posição social, em termos de oportunidades educacionais, em termos de distribuição de renda, em termos de atendimento de saúde, em termos de qualquer indicador social que se queira. Portanto, pode-se traçar no Brasil, a partir desses dados agregados, uma linha nítida que separa os brancos dos pardos e pretos e que significa dizer que o movimento negro está totalmente correto em falar de “negros” como a soma de “pardos” e “pretos”. Este é o primeiro choque que esses estudos provocam.

O segundo choque é dizer que a discriminação não é pessoal nem individual, mas é uma discriminação realmente institucionalizada na sociedade brasileira.(...) As desigualdades raciais no Brasil não cessam de aumentar. É mais do que uma permanência, é mais do que um legado, elas aumentam. E aí entra o famoso “ciclo de acumulação de desvantagens” proposto conceitualmente por Nelson do Valle Silva e de

Carlos Hasenbalg (1988), que, através de modelos de regressão múltipla, mostram que em cada fase do processo de socialização e de formação do indivíduo, aumentam as desigualdades entre brancos e negros. (...) Quer dizer, a má sorte dos “negros” não se deve apenas ao passado, à herança da escravidão, a essa desvantagem inicial, em cada momento do ciclo, se acumula uma desvantagem a mais. Ou seja, o sistema educacional discrimina, o sistema ocupacional discrimina, e o sistema de distribuição de rendimentos discrimina. Ao final, a renda total de um negro é produto não apenas de sua herança, mas das discriminações sofridas no sistema educacional, na competição no mercado de trabalho, na disputa no mercado interno às empresas por melhores salários. (...) Essa é uma barreira tão forte que alguns desses autores ao apresentarem os dados sobre as desigualdades sociais, seja entre homens e mulheres, por exemplo, ou entre brancos e negros, dizem o seguinte: a discriminação entre brancos e negros pode ser praticamente desfeita se a gente mudar a educação do país, ou seja, a maior parte das desigualdades está embutida no sistema educacional. Se mudarmos o sistema educacional desse país, o ganho que teremos de igualdade racial será imenso. No caso das mulheres ocorre totalmente oposto. As mulheres já têm melhor educação do que os homens, e a desigualdade entre homens e mulheres realmente só pode ser explicada por discriminação pura e simples, ou, alternativamente, por um sistema de valores interiorizado pelas mulheres.

(...)No caso dos negros, não. Ora isso apenas mostra que mostra que o sistema de discriminação contra os negros é muito maior do que a gente pode pensar. Provavelmente, quando se resolver o problema da educação, apareça este outro fator que eu chamei de “interiorização da desigualdade”. Se isso acontecer, não teremos resolvido o problema da desigualdade racial com maior equidade de acesso à educação. Porque, no caso das mulheres, se resolveu o problema da educação, mas não se resolveu o problema da desigualdade.

(...) Primeiro vou chamar atenção para o seguinte, a ideia de “raça”, a gente sabe, existe para denominar um grupo de pessoas cuja única coisa em comum é dada realmente pela palavra “raça”, quer dizer, você precisa imaginar um conteúdo para essa ideia (são

povos de etnia diferente, de línguas diferentes, etc.). Lógico que a escravidão moderna, dos povos africanos, foi o detonador dessa ideia, quer dizer, de se aproveitar raça para designar esse grupo de pessoas que não podia ser designado de outra forma. (...) Hanna Arendt falava que “raça” era uma ideia estúpida que iria para o lixo da história, como tantas outras ideias extravagantes produzidas no século XVIII, se não fosse o imperialismo. Foucault tem também um argumento semelhante. Mas o fato é que, primeiro a partir de justificativas teológicas, e depois a partir de justificativas científicas, “raça” foi a palavra que agrupou pessoas escravizadas ou descendentes de escravos, classificadas a partir de traços fenotípicos: tez negra, tipo de nariz, tipo de lábio, tipo de cabelo.(...)

Na verdade, depois da Abolição, “raça” era usada pelos negros quase que com um sentido puramente biológico.(...) Porque, afinal de contas, aqui não existe raça branca ou negra, aqui existe raça brasileira(...). A Lilia Schwartz (1987) tem um trabalho bem interessante em que mostra como a palavra “negro” se desgastou muito durante a luta abolicionista, ganhando um significado muito negativo. Por isso a palavra “negro” não é usada pelos negros paulistanos para se auto identificar. Não, eles preferem usar a palavra “preto”, “homens pretos”, nem usam a palavra “raça” para se auto-identificar, eles usam a palavra “classe”, classe dos homens pretos, assim era a retórica da identidade negra. (...) A ideia do momento é de “raça negra”. Tem-se aí uma palavra que é a única também a unir um conjunto muito heterogêneo de pessoas, seja em termos de cor, em termos socioeconômicos, etc., mas é a única que agrupa e que cria essa identidade entre pessoas que estão agora buscando, através da luta política, um lugar na sociedade brasileira, um lugar mais igual.

(...)O que prevalecerá será a ideia de “raça” baseada na ideia de “cultura”, que não é apenas a “cultura afro-brasileira”, mas que já é “cultura negra”; o ideal de sociedade é a sociedade multirracial; a ideia de integração funde-se com a ideia de cidadania, que todos nós conhecemos, pela qual todos nós lutamos e da qual falamos o tempo todo. Cidadania, para os negros, significa a representação dos negros na vida nacional em todos os ambientes de representação. É a representação política no Parlamento, é a representação dos negros

nos quadros docentes das universidades, é a representação dos negros no sistema educacional, é a representação do negro na mídia. A palavra “racismo” é expandida e retrabalhada pra ultrapassar a ideia do simples tratamento diferencial e chegar até as formas de interiorização que eu tinha falado no caso das mulheres, ou seja, se diz o seguinte, por exemplo, nos estudos da educação: existe uma forma de interiorização do racismo, ou seja, de criação de pessoas que se sentem inferiores. E por que se sentem inferiores? Porque foram inferiorizadas. Não conseguem desempenhar bem, competir, porque esse racismo começa a ser inculcado pelo livro didático, ou seja, começa antes que você ponha seu filho na escola, porque na hora que ele entra na escola, ele encontra o livro didático pronto. Começam a aparecer os estudos que mostram a representação estereotipada e racista do negro no livro didático. Depois vêm os estudos sobre o mau desempenho escolar dos negros nas escolas, produto de práticas, de novo, racistas, etc. Ou seja, o conceito-chave, a ideia-chave é o “racismo” e a ampliação conceitual do racismo para explicar diversas práticas sociais. Em seguida, aparecem os estudos sobre a ausência e estereotipia do negro no cinema, na televisão. Ou seja, existe, nesse âmbito da criação dos estereótipos, dos preconceitos, dos valores, a construção de uma agenda política antirracista por parte dos negros. E existe a reivindicação política de representação do negro em todos os níveis. Eu acho que isso, esse movimento, culmina hoje - culmina porque eu acho que ele ganha maturidade – com a reivindicação de ações afirmativas. A demanda por ações afirmativas se baseia num diagnóstico em que já não contam apenas as intenções ou os motivos dos sujeitos, mas o resultado das práticas sociais. (...)

O importante é que é injustificável que os negros tenham tão pouco acesso às universidades públicas e ao ensino superior em geral no Brasil e ponto final. Não me deem explicações do porquê isso está acontecendo. É um pouco parecido com o que acontece com a aids: não me venham dizer que eu tive alguma culpa em contrair a aids, não me venham dizer que eu deveria fazer sexo seguro. Eu preciso de políticas públicas que combatam a minha doença, a minha exclusão, agora. E a minha legitimidade para reivindicar é esta: é que eu estou doente e estou excluído. Eu não estou naquele lugar; eu não estou representado naquele lugar. E é isso que eu quero e isso é legítimo, se torna cada vez mais

legítimo na sociedade brasileira. Então, o que se tem que discutir são formas de inclusão e não mais o porquê os negros não estão ali. Não se trata de dizer que o estado da massa negra é deplorável, que o ensino de nível médio e elementar é deplorável. Ninguém quer esperar. E as pessoas têm o pleito legítimo de entrar na Universidade. Então eu acho que é essa situação, na verdade, digamos assim, que serve de justificativa moral aos estudos de desigualdades raciais. Quando nós vamos a seminários como este e começamos a projetar dados na tela, mostrando as desigualdades raciais do país, estamos querendo dizer isso: olha, pouco importa aos negros o que nós venhamos a dizer sobre as causas, se não buscamos soluções imediatas, se jogarmos nos ombros das gerações passadas e futuras responsabilidades que são nossas. Nós, cientistas, não teríamos coragem de dizer com respeito ao câncer: olha, deixem de fumar; proibam o cigarro, com o tempo o câncer desaparecerá. Não, o importante são as pesquisas que busquem a cura do câncer de quem tem câncer agora. É como se os negros desse país estivessem a nos dizer: vocês vão fazer estudos e traçar políticas para resolver o nosso problema aqui e agora, e é isso que nós queremos.

Essas são as ideias e as inquietações que eu queria trazer para vocês. Obrigado.

Fala transcrita da participação do autor na mesa redonda “O Negro no Ensino Superior”, patrocinado pelo NUPES-USP. Realizado em São Paulo nos dias 3 e 4 de dezembro de 2002.

Disponível em : <http://www.fflch.usp.br/sociologia/asag/Raca%20e%20pobreza.pdf> Acesso em 16 de novembro de 2012 .

VOCABULÁRIO

Rationale: s. raciocínio, argumento, lógica.

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 1

Para comprovar uma tese, o autor pode buscar as relações de causa (os motivos, os porquês) e de consequência (os efeitos). É o denominado “*Argumento por Causa e Consequência*”.

Identifique e transcreva do texto uma das causas apresentadas para “*a interiorização do racismo*” (7§), usadas para defender o ponto de vista do autor sobre a necessidade de ações que minimizem as desvantagens que os negros sofrem em relação aos demais cidadãos.

Habilidade trabalhada

Reconhecer a importância dos argumentos para a defesa e consistência dos pontos de vista defendidos

Resposta comentada

O professor pode aproveitar para comentar sobre os outros tipos de argumentos:

Argumento de Autoridade: a conclusão se sustenta pela citação de uma fonte confiável, que pode ser um especialista no assunto ou dados de instituição de pesquisa, uma frase dita por alguém, líder ou político, algum artista famoso ou algum pensador, enfim, uma autoridade no assunto abordado. A citação pode auxiliar e deixar consistente a tese.

Argumento de Exemplificação ou Ilustração: a exemplificação consiste no relato de um pequeno fato (real ou fictício). Esse recurso argumentativo é amplamente usado quando a tese defendida é muito teórica e carece de esclarecimentos com mais dados concretos.

Argumento de Provas Concretas ou Princípio: ao empregarmos os argumentos baseados em provas concretas, buscamos evidenciar nossa tese por meio de informações

concretas, extraídas da realidade. Podem ser usados dados estatísticos ou falsos ou fatos notórios (de domínio público).

Basta uma leitura atenta para os alunos reconhecerem que uma das causas é o modo como o negro é mostrado nos livros didáticos. “*Esse racismo começa a ser inculcado pelo livro didático, ou seja, começa antes que você ponha seu filho na escola, porque na hora que ele entra na escola, ele encontra o livro didático pronto.*”

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 2

“... a discriminação existente partiria **geralmente** de mulatos claros, que seriam aqueles que realmente discriminariam os negros”

No fragmento apresentado, qual outro adjunto adverbial poderia substituir, sem prejuízo de sentido, o termo destacado?

- a) Simultaneamente
- b) Frequentemente
- c) Raramente
- d) Antecipadamente

Habilidade trabalhada

Empregar adequadamente marcadores discursivos (geralmente, muitas vezes etc.).

Resposta comentada

É interessante lembrar aos alunos o que é adjunto adverbial : É o termo da oração que indica uma circunstância (dando ideia de tempo, lugar, modo, causa, finalidade). Depois, importa destacar o significado das palavras que aparecem no exercício. “*Simultaneamente*”

quer dizer que ocorre ou é feito ao mesmo tempo. Logo, pode-se descartar a alternativa **A**. “*Raramente*” é algo que acontece poucas vezes, portanto a alternativa **C** também é incorreta. “*Antecipadamente*” significa algo feito antes do prazo, do planejado. Assim, a alternativa **D** também é errada. Já “*frequentemente*” é sinônimo de geralmente, algo que acontece muitas vezes. Os alunos deverão, então, marcar a alternativa **B**.

Texto Gerador II

1º. Seminário Da Lei N°. 14.187/2010 - Punição Administrativa pela Prática de Discriminação Racial e/ou Étnica

Sejam bem vindos, em nome da Secretária de Justiça e Defesa da Cidadania, Dra. Eloisa de Sousa Arruda e do Secretario Adjunto Luiz Daniel, pediram desculpas pelas ausências que foram motivadas por agenda com o Governador do Estado e por problemas pessoais. Este encontro tem por objetivo analisar e avaliar o primeiro ano da lei 14187 de 2010. O fato de marcarmos um diálogo com a abordagem desta lei é muito interessante e também oportuno, visto que marca o primeiro ano de uma norma nova de enfrentamento aos crimes de discriminação racial.

(...)Porque esta lei tem um caráter pedagógico muito importante de difusão de uma cultura antidiscriminatória e representa um compromisso do Estado na ordem internacional de combate ao racismo no Ano Internacional dos Afrodescendentes. Outras recomendações feitas pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos foram a realização de investigação completa, imparcial e efetiva dos fatos com o objetivo de estabelecer e sancionar as responsabilidades; adotar e instrumentalizar medidas de educação de funcionários da polícia e da justiça, a fim de evitar ações que impliquem em discriminação; promover encontro com organismos da imprensa brasileira; organizar seminários como este; solicitar aos governos estaduais a criação de delegacias especializadas em investigação de crimes de racismo; solicitar aos Ministérios Públicos Estaduais a criação de promotorias públicas especializadas e promover campanhas publicitárias contra a discriminação racial.

Disponível em : <http://www.geledes.org.br/racismo-preconceito/defenda-se/11587-1-seminario-da-lei-n-141872010-punicao-administrativa-pela-pratica-de-discriminacao-racial-eou-etnica> Acesso em 17 /11/ 2012

TEXTOS COMPLEMENTARES



Disponível em :

<http://www.portaleducarbrasil.com.br/Portal.Base/Web/VerContenido.aspx?GUID=d1105bf7-4564-4c7c-92c4-ebd5ecff295a&ID=212147> . Acesso em 17 de novembro de 2012

<http://www.jornalacidade.com.br/charges/2012/04/30/cotas.html> Acesso em 17 de novembro de 2012

<http://www.facebook.com/photo.php?fbid=446259045431397&set=a.290927334297903.71241.290923947631575&type=1&theater> Acesso em 17 de novembro de 2012

BIBLIOGRAFIA

Oliveira I. **Desigualdades raciais: construções da infância e da juventude**. Niterói: Intertexto, 1999b.

PORTUGUÊS LINGUAGENS – Literatura- Produção de texto- Gramática - CEREJA
Wiliam Roberto – MAGALHÃES Thereza Cochar – Atual . São Paulo 2005

<http://www.fflch.usp.br/sociologia/asag/Raca%20e%20pobreza.pdf> Acesso em 16 de novembro de 2012 .

<http://www.geledes.org.br/racismo-preconceito/defenda-se/11587-1-seminario-da-lei-n-141872010-punicao-administrativa-pela-pratica-de-discriminacao-racial-eou-etnica> Acesso em 17 de novembro de 2012

<http://www.facebook.com/photo.php?fbid=446259045431397&set=a.290927334297903.71241.290923947631575&type=1&theater> Acesso em 17 de novembro de 2012

REGISTRO DOS RESULTADOS PEDAGÓGICOS DECORRENTE DA IMPLEMENTAÇÃO DO ROTEIRO DE ATIVIDADES

A aplicação do roteiro foi bem sucedida. Embora, os alunos do 2º ano ainda não estejam acostumados com os tipos de argumentos (alguns nem entendiam direito o que era argumento) não atrapalhou porque as orientações pedagógicas nortearam o trabalho. Expliquei os tipos de argumentos, exemplifiquei e a turma conseguiu resolver sem problemas a questão 1.

Quanto à questão 2, precisei explicar várias vezes a diferença entre tema, título e tese. Os alunos acharam um pouco complexo, já que a diferença não é tão grande assim.

As outras questões foram elaboradas de forma semelhante as que os alunos já estão acostumados. São semelhantes às questões do Saerjinho e, além disso, os alunos assistiram a uma apresentação no Power Point sobre modalizadores e conectivos com músicas e vídeos. Tudo isso facilitou a execução do roteiro.

O debate é um ótimo recurso para trabalhar a oralidade. Os alunos se empolgaram, pesquisaram e apresentaram um debate bem interessante. Alguns alunos ainda precisam prestar atenção à concordância. Ficaram tão animados que cometeram alguns deslizes quanto à colocação pronominal, ainda mais porque foi a primeira vez que participaram de algo assim.

O interesse dos alunos foi intenso e resultou numa aprendizagem significativa.